

Os Adventistas do Sétimo Dia e o fundamentalismo cristão: Uma avaliação histórica e teológica

Seventh-day Adventists and Christian Fundamentalism: A Historical and Theological Assessment

*Isaac Malheiros**

Resumo

O objetivo deste artigo é responder à pergunta: os adventistas são fundamentalistas? A resposta depende do sentido que se dá ao termo *fundamentalismo*: o sentido histórico objetivo ou o sentido metafórico expandido. Esta pesquisa usará o fundamentalismo histórico original como parâmetro para uma avaliação através da revisão bibliográfica. Com base nessa pesquisa, é possível concluir que, apesar de ter algumas afinidades com o conservadorismo teológico do fundamentalismo, o adventismo não sustenta algumas crenças centrais do fundamentalismo, como a inspiração verbal e a inerrância bíblica. Apesar disso, por causa da polarização entre fundamentalistas e liberais no início do século XX, os adventistas por vezes se identificaram como fundamentalistas, e tal identificação produziu efeitos que se fazem sentir até hoje dentro do adventismo.

Palavras-chave: Fundamentalismo. Adventismo. Inspiração verbal. Inerrância bíblica.

Abstract

The purpose of this paper is to answer the question: are Adventists fundamentalists? The answer depends on the meaning given to the term *fundamentalism*: the historical objective sense or the expanded metaphorical sense. This research study will use the original fundamentalism as a parameter for an evaluation through the method of literature review. Based on this research paper, it can be concluded that despite having some affinities with the fundamentalist theological conservatism, Adventism does not support some core beliefs of fundamentalism, as verbal inspiration and absolute inerrancy of the Scriptures. Nevertheless, due to the polarization between fundamentalists and liberals in the early twentieth century, Adventists sometimes identified themselves as fundamentalists, and this identification produced effects that are felt to this day within Adventism.

Keywords: Fundamentalism. Adventism. Verbal inspiration. Biblical inerrancy.

Introdução

O adventismo pode ser considerado fundamentalista? A resposta pode ser *sim* ou *não*, dependendo dos parâmetros adotados. Se tomarmos o

* Mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS), doutorando em Teologia (Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS), bolsista da CAPES. E-mail: pr_isaac@yahoo.com

fundamentalismo em seu sentido histórico, então teremos um conteúdo doutrinário definido e características bem destacadas para uma avaliação objetiva. Mas se tomarmos fundamentalismo no sentido metafórico atual, como um fenômeno sociológico e não como um fenômeno doutrinário, a avaliação torna-se mais subjetiva e mais sujeita a equívocos. Atualmente, o termo fundamentalismo é usado em situações tão variadas, e em tantas áreas do campo religioso e político, que perdeu o seu sentido histórico objetivo (por isso, hoje, fala-se em *fundamentalismos*, no plural).

Vários autores já denunciaram a distorção semântica e o uso pejorativo da palavra *fundamentalismo*, como sinônimo de intolerância, de literalidade na leitura de textos sagrados,¹ de atitude superior e fechada ao diálogo, ou qualquer outra característica estética e subjetiva aplicável a qualquer movimento.² Mesmo na academia, *fundamentalismo* é frequentemente usado mais como adjetivo do que como uma referência objetiva a um movimento histórico específico e bem documentado. O fundamentalismo tem sido definido por observadores externos, muitas vezes sem levar em conta as fontes primárias, as definições feitas pelos próprios autores fundamentalistas.

O termo fundamentalismo é usado em situações tão variadas, e em tantas áreas do conhecimento, que perdeu o seu sentido histórico objetivo (hoje, fala-se em *fundamentalismos*, no plural). Por isso, é fácil encontrar o uso expandido do termo em expressões como *fundamentalismo do mercado* (Soros, 2001, p. 194), *fundamentalismo darwinista* (Gould, 1997), e até *fundamentalismo ateuista* (Paine, 2010), dentre outros. Esses sentidos são chamados de *aplicações metafóricas inexatas* (Lima, 2011, p. 92) e seguem uma tendência do uso de metáforas nas Ciências Sociais (Nunes, 2005).

Atualmente, o termo fundamentalismo tem uma carga quase exclusivamente negativa e pejorativa. Fundamentalista é o “fanático, o sectário, o intolerante, o conservador, o autoritário, o totalitário [...] e sempre são os ‘outros’” (Oro, 1996, p. 23). O rótulo *fundamentalista* é mal compreendido e mal empregado mesmo no âmbito acadêmico, usado de maneira “reincidentemente deturpada tanto do seu sentido histórico original e circunstancial quanto das conotações positivas que a ele podem ser legitimamente atribuídas” (Lima, 2011, p. 91).

A princípio, o termo fundamentalismo era aplicado apenas a um setor

específico do protestantismo norte-americano do início do século XX. Posteriormente, foi aplicado às religiões em geral, mas logo percebeu-se o caráter fundamentalista presente em outras áreas. O fundamentalismo então deixou de ser um tema mais restrito da teologia e passou a ser um tema das ciências sociais. A expansão do conceito levou a palavra *fundamentalista* a ser vinculada quase automaticamente à “forma radical e violenta de comportamento religioso” (Zabatiero, 2008, p. 15).

O resultado dessa expansão conceitual é o que Julien Freund descreveu: “Quando tudo é tudo, nada mais é definível, nada mais é específico, em suma, o conceito se torna inútil, já que falando de uma coisa, se fala de tudo” (Freund, 1987, p. 12). Atualmente, são chamados igualmente de *fundamentalistas* os cristãos que combatem a legalização do aborto e os que o defendem,³ os que creem na inerrância absoluta da Bíblia e os que aceitam a existência de discrepâncias no texto sagrado,⁴ os que creem na inspiração verbal da Bíblia e os que creem na inspiração de pensamento,⁵ os que são estritamente criacionistas e os que defendem um modelo de evolucionismo teísta,⁶ os pacifistas radicais e os que pedem o fim do desarmamento no Brasil,⁷ os que sempre defenderam a radical separação igreja-estado e os que defendem a intensa participação política da igreja e até um modelo de igreja estatal.⁸ Apesar de tão diferentes, todos podem, em algum momento, caber na mesma categoria de *fundamentalista*.

James Packer (1977, p. 9-23, 40), um autor fundamentalista, reclama que esse quadro atual não passa de uma caricatura do verdadeiro fundamentalismo evangélico, tornando o termo *fundamentalismo* vago, ambíguo, subjetivo, confuso, explosivo, inútil para a análise e discussão objetiva, e útil apenas para a crítica estereotipada. Ele ainda chama a atenção para o fato de que, historicamente, vários grupos cristãos foram rotulados e insultados com títulos variados, como ocorreu com os termos *puritano* e *metodista*, usados de forma pejorativa (Packer, 1977, p. 30-31).⁹

Pierucci (2006, p. 1) reconhece que não se deve “tomar toda convicção pessoal ou tomada de posição inegociável como fundamentalista”. No entanto, é exatamente isso que está ocorrendo nos usos generalizados do termo. Se, por exemplo, o fundamentalismo é “a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista” (Boff, 2002, p. 25), então há fundamentalistas em todo lugar, e até mesmo o rigor científico e a exigência acadêmica podem assumir um ar de

fundamentalismo.

No campo da teologia, nesse sentido expandido, o fundamentalismo se manifestaria sempre que as distintas formas de interpretação bíblica são demonizadas dogmaticamente, classificadas como incultas, inferiores e incapazes, o que ocorre mesmo na academia crítica (Zabatiero, 2008, p. 21). O fundamentalismo em sentido amplo, como uma atitude, também poderia ser encontrado na exegese histórico-crítica e leituras derivadas dela (leituras contextuais). Como afirma Zabatiero:

Uma hermenêutica fundamentalista da Bíblia funciona enquanto uma estética do interpretar. E, como tal, ela não se identifica com nenhuma das teorias e metodologias hermenêuticas e exegéticas à nossa disposição, mas perpassa todas elas. Funciona, na medida em que atua nos interstícios da interpretação e, assim, é evocada sempre como acusação ao “outro” método, à “outra” teoria. (Zabatiero, 2008, p. 21)

Assim, ironicamente, o próprio antifundamentalismo da academia crítica poderia incorrer no mesmo erro que pretende combater: uma espécie de *antifundamentalismo fundamentalista* (Lima, 2011, p. 94).

Peter Berger (2000, p. 13) afirma que *fundamentalismo* “não é um termo feliz, não só porque carrega um tom pejorativo, mas também porque deriva da história do protestantismo norte-americano, onde tem uma referência específica que acaba distorcida quando estendida para outras tradições religiosas”. Ele alerta para a impropriedade de se aplicar o termo *fundamentalismo* indistintamente a movimentos tão distintos entre si, como o islamismo e o evangelicalismo (Berger, 2000, p. 14).

As *aplicações metafóricas* do termo fundamentalista em sentidos mais sociológicos que teológicos alienam o termo “de seu sentido significativo originalmente atribuído e contribui para a confusão não somente terminológica, mas também fenomenológica” (Lima, 2011, p. 92). Por isso, este artigo usará como parâmetro o fundamentalismo em seu sentido histórico original, e a pergunta inicial será redefinida de forma mais específica: o adventismo pode ser considerado como parte do movimento fundamentalista do início do século XX?

Com base nessa pesquisa, é possível concluir que, apesar de ter algumas afinidades com o conservadorismo teológico do fundamentalismo, o adventismo não sustenta algumas crenças centrais do fundamentalismo, como a inspiração

verbal e a inerrância bíblica. Sendo assim, o adventismo não abraça todos os elementos históricos do fundamentalismo e ocupa uma posição teologicamente distinta. Apesar disso, por causa da polarização entre fundamentalistas e liberais no início do século XX, os adventistas por vezes se identificaram como fundamentalistas, e tal identificação produziu efeitos que se fazem sentir até hoje dentro do adventismo.

1. Afinal, o que é fundamentalismo histórico?

O fundamentalismo é fruto de um contexto histórico específico, e deve ser tomado como um processo, com vários personagens, fases e lugares. O movimento é complexo, está em processo, é dinâmico, mas mantém relação com suas origens. E é nas origens que encontramos parâmetros suficientemente claros para avaliarmos se a IASD é ou não é fundamentalista.

No final do século XIX e início do século XX, os protestantes mais conservadores resolveram enfrentar a onda de liberalismo teológico modernista que ameaçava invadir as igrejas. O fundamentalismo foi uma reação à modernidade e ao liberalismo teológico, que lançava dúvidas a respeito de temas centrais do cristianismo, como a inspiração da Bíblia e os milagres nela registrados. O liberalismo modernista via a Bíblia como uma mera produção humana, sem intervenções sobrenaturais, rejeitando em seu estudo tudo o que não era razoável ou científico, como o nascimento virginal de Jesus, sua ressurreição e a segunda vinda. O fundamentalismo é a reação a isso.

Ao contrário do que erroneamente afirmou Stewart Cole, o primeiro historiador do fundamentalismo, os *cinco pontos fundamentais* não foram publicados pela primeira vez na Conferência Bíblica de Niágara em 1895 (Unger, 1981, p. 27),¹⁰ mas sim na Conferência Bíblica realizada em 1878 em Clifton Springs.¹¹ Ali, uma declaração com quatorze pontos essenciais do cristianismo foi adotada informalmente e oficialmente ratificada em 1890 (Melton; Baumann, 2010, p. 1161).

Posteriormente, um documento de cinco pontos essenciais foi redigido na Assembleia Geral Presbiteriana em 1910, e isso marcou o nascimento formal do fundamentalismo protestante norte-americano (Sandeen, 1978, p. XVIII; Harris, 1998, p. 25-26). Nesse documento, os pontos fundamentais da fé cristã eram:¹²

1) a inerrância do texto bíblico; 2) o fato de Jesus ter nascido de uma virgem; 3) a morte de Jesus, que garantiu a redenção humana; 4) a ressurreição de Jesus; 5) a crença nos milagres poderosos de Jesus.

Outras declarações de crenças fundamentalistas foram publicadas, com conteúdo semelhante, mas com diferentes números de pontos fundamentais.¹³ Um dos principais documentos fundamentalistas é a coleção *The Fundamentals*, publicada entre 1909 e 1915, e atualmente disponível em volume único em português no livro *Os fundamentos* (Torrey, 2005). O conteúdo dessa coleção reflete os pontos fundamentais listados nas declarações de crenças, e o termo *fundamentalista* refere-se ao título da obra.

A reação fundamentalista atraiu cristãos conservadores em geral, inclusive os que não partilhavam das mesmas visões teológicas fundamentalistas. O inimigo comum uniu conservadores e fundamentalistas, e polarizou o cenário protestante norte-americano entre *liberais* (ou *modernistas*) e *fundamentalistas*. E isso ajuda a entender a aproximação do adventismo ao fundamentalismo, como veremos posteriormente.

Há autores que dividem o fundamentalismo em duas fases: uma primeira fase, mais moderada (cuja crença está sintetizada em *The Fundamentals*), e a segunda fase, de caráter extremista e politicamente articulada (Olson, 2001, p. 576-584). Na segunda fase, o uso dos modernos meios de mobilização e de agregação de consenso superou a separação entre religião e política que havia no fundamentalismo original (Pace; Stefani, 2002, p. 35).

Assim surgiu o que se chama de *neofundamentalismo*, que não é mais um movimento religioso de caráter estritamente teológico, mas um movimento politicamente articulado e engajado, algo que não estava nos planos dos primeiros fundamentalistas (Pace; Stefani, 2002, p. 35-36; Panasiewicz, 2008, p. 7). O *neofundamentalismo* é bem mais diversificado teologicamente, com grupos mantendo crenças e práticas distintas e até opostas. Assim, neste artigo, o aspecto teológico do fundamentalismo histórico original será priorizado, por ser a face mais cristalina e mais sujeita à análise objetiva, e porque ainda se faz sentir em setores significativos do cenário protestante/evangélico atual.

Atualmente, além dos pontos doutrinários destacados nas declarações originais, vários conceitos são geralmente relacionados ao *neofundamentalismo*, como o criacionismo bíblico, o uso do método histórico-gramatical de

interpretação bíblica, uma posição contrária ao aborto e favorável à pena de morte, e uma visão política antiprogressista e antiesquerdista em geral. Sugere-se também, de forma generalizada, que os fundamentalistas e *neofundamentalistas* tenham uma postura favorável ao racismo,¹⁴ pois foram contrários aos movimentos dos direitos civis dos negros (Pace; Stefani, 2002, p. 33, 184).

Mas, como foi visto no começo deste artigo, tais características, apesar de serem úteis para retratar corretamente setores e momentos do fundamentalismo cristão, não são suficientemente distintivas para proporcionar uma análise mais ampla do fenômeno.¹⁵ Então, no próximo tópico deste artigo, as características teológicas do movimento fundamentalista fundante serão utilizadas como identificadores mais definidos.

Antes, porém, apesar do foco deste artigo ser a teologia do fundamentalismo original (e não as pautas mais comuns do *neofundamentalismo*), é importante destacar que a IASD (2003, p. 100-114) é criacionista, mantém uma posição oficial flexível a respeito do aborto (IASD, 2005, p. 117-120),¹⁶ é radicalmente pacifista e desarmamentista (IASD, 2005, p. 10-11, 66-67), contrária ao uso de drogas (IASD, 2005, p. 23-24), defende o casamento como sendo a união vitalícia entre um homem e uma mulher (IASD, 2005, p. 64), reprovava qualquer ato sexual praticado fora do casamento heterossexual (IASD, 2005, p. 51) e não tem uma posição oficial a respeito da pena de morte.

Além disso, pesquisa do *Pew Research Center* de 2015 demonstra que há entre os adventistas norte-americanos uma visão político-ideológica equilibrada entre progressismo e conservadorismo, esquerda e direita.¹⁷ E a IASD foi reconhecida como o grupo religioso mais racialmente diversificado dos EUA em 2015.¹⁸ Em suma, essas características revelam que o adventismo mantém, ao mesmo tempo, pontos de identificação e de divergência com o que é comumente considerado características do *neofundamentalismo*.

2. O adventismo não é teologicamente fundamentalista

A declaração fundamentalista da *Conferência Bíblica* realizada em 1878 em Clifton Springs tinha quatorze pontos considerados essenciais: 1) a

inspiração verbal da Bíblia; 2) a Trindade; 3) A criação, queda e total depravação do homem; 4) a transmissão da corrupção de Adão à toda humanidade; 5) a necessidade do novo nascimento; 6) a redenção pelo sangue de Cristo; 7) salvação somente pela fé em Cristo; 8) a certeza da salvação; 9) a centralidade de Cristo na Bíblia; 10) a constituição da verdadeira igreja por genuínos crentes; 11) a divina personalidade do Espírito Santo; 12) o chamado para uma vida santa; 13) o estado consciente do homem após a morte e o destino eterno dos salvos e dos perdidos; 14) a segunda vinda de Cristo antes do milênio (pré-milenismo) (Melton; Baumann, 2010, p. 1161).

Usando essa lista como referência, é difícil afirmar que os adventistas são fundamentalistas. A IASD não defende a inspiração verbal da Bíblia (Canale, 2007, p. 47-74) e nem a inerrância bíblica (Rodor, 2005), como os fundamentalistas (apesar de tais teorias terem defensores dentro do adventismo). O *Nisto cremos*, uma publicação oficial das crenças adventistas, afirma que “Deus ‘inspirou’ a verdade nas mentes dos homens, os quais expressaram estas mesmas verdades em suas próprias palavras” (IASD, 2003, p. 19). E acrescenta que os escritores bíblicos “traduziram estas revelações em linguagem humana com todas as limitações e imperfeições de que esta se acha revestida, mas ainda assim aquele era o testemunho de Deus. Os homens – não as palavras – foram inspirados” (IASD, 2003, p. 20).

Os adventistas também não creem no estado consciente do homem após a morte (Van Bemmelen, 2011, p. 239-254; Andreasen, 2011, p. 353-389). Diz o *Nisto cremos*: “A alma não possui consciência separada do corpo. Não existe qualquer texto que indique a possibilidade de a alma sobreviver ao corpo, mantendo-se como entidade consciente” (IASD, 2003, p. 120). Consequentemente, a crença no conceito de um inferno que arde eternamente também não é mantida pelos adventistas: “Estudo cuidadoso mostra que a Bíblia não ensina a existência de tal inferno ou tormento” (IASD, 2003, p. 478).

Além disso, no item 14 da lista, o movimento fundamentalista é predominantemente dispensacionalista (Unger, 1981, p. 13, 41), e a IASD não crê assim (apesar de ser pré-milenista) (Lehmann, 2011, p. 988-1023; Webster, 2011, p. 1024-1045). O pré-milenismo é a visão de que a segunda vinda de Cristo acontecerá antes do período literal de mil anos, predito no Apocalipse. E o dispensacionalismo é uma teoria *futurista* que identifica na Bíblia sete

dispensações, ou maneiras pelas quais Deus interage com o homem ao longo da história, que foi popularizada nos EUA pelo inglês John Nelson Darby (1800-1882).

Esses pontos de discordância deixam o adventismo teologicamente à margem do fundamentalismo. E tomando como parâmetro os outros dois documentos do fundamentalismo histórico, chegamos à mesma conclusão. O documento fundamentalista de cinco pontos redigido na *Assembleia Geral Presbiteriana*, em 1910, e os artigos da coleção *The Fundamentals* reafirmam a inspiração verbal e a inerrância bíblica, crenças que a IASD não mantém.

Não há unanimidade entre os pesquisadores acerca de qual seria a doutrina distintiva do fundamentalismo ou a característica mais peculiar.¹⁹ Mas a crença na inerrância bíblica é, para alguns autores, o critério objetivo mais importante, a grande norma hermenêutica, que distingue a atitude fundamentalista de outras atitudes mais abertas (Pace; Stefani, 2002, p. 28, 30). De fato, os fundamentalistas fazem da inerrância bíblica o sinal da autenticidade evangélica, apesar de haver alguns com uma posição mais moderada nesse assunto.²⁰ Harold Lindsell (1978, p. 210) declarou que quem abandona a inerrância nem mesmo pode ser considerado evangélico. A *Sociedade Teológica Evangélica* (a maior sociedade teológica conservadora do mundo) teve a participação de fundamentalistas desde o início e ainda requer anualmente que seus associados subscrevam um documento reafirmando sua crença de que, em seus autógrafos, as Escrituras não possuem nenhum erro histórico, científico ou teológico,²¹ conforme exposto na *Declaração de Chicago de Inerrância Bíblica* (1978).²²

Se a inerrância é o critério mais importante, cristãos conservadores que não subscrevem a teoria da inerrância (como os adventistas) não poderiam ser considerados fundamentalistas.

Contrariando o conceito de inspiração verbal que ganhava adeptos na IASD de seus dias, a líder adventista pioneira Ellen White (2001, p. 21), uma das fundadoras da IASD, considerada uma profetisa no adventismo, escreveu: “Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que foram. A inspiração não atua nas palavras do homem nem em suas expressões, mas no próprio homem que, sob a influência do Espírito Santo, é dotado de pensamentos”. Segundo Knight (2005, p. 138), ela também negou a inerrância, e

a opinião da profetisa do adventismo tem peso, pois seus escritos são considerados pela IASD (2003, p. 301-309) divinamente inspirados.²³

Aparentemente, a maioria dos adventistas ignorou a publicação de *The Fundamentals*. Por isso, os adventistas usavam o termo “inspiração verbal” de forma imprecisa, sem a conotação fundamentalista de inerrância, o que pode confundir um atual pesquisador. A defesa adventista da inspiração da Bíblia não tinha o mesmo conteúdo da defesa fundamentalista, e os próprios adventistas não perceberam isso a princípio (Campbell, 2008, p. 19).

Difícilmente alguém que rejeitasse a inspiração verbal e a inerrância bíblica seria considerado fundamentalista pelo próprio movimento. É muito fácil perceber que conservadorismo não é sinônimo de fundamentalismo, e que há entre os cristãos conservadores um debate em andamento a respeito da inerrância. Por tal critério, seria um erro classificá-los igualmente de *fundamentalistas* enquanto há discordância entre eles a respeito do ponto mais fundamental do fundamentalismo.

Assim, usando como critério os *fundamentos* e as principais declarações fundamentalistas, é possível afirmar que a IASD *não* é fundamentalista, apesar de ser teologicamente conservadora. No entanto, mesmo com tais divergências doutrinárias, o adventismo se identificou com o fundamentalismo no início do século XX, e vamos analisar os motivos.

3. O adventismo se identificou como fundamentalista

“Somos zelosos fundamentalistas, e defendemos a Bíblia como Palavra de Deus”, escreveu, em 1946, na *Revista Adventista*, o pastor Figuhr (1946, p. 14), presidente da IASD na América do Sul. Mas em 2013, a mesma revista publicou: “Não nos consideramos nem somos fundamentalistas, mas cremos em toda a Bíblia Sagrada” (Reis, 2013, p. 7). A primeira opinião reflete uma tendência de autoidentificação do adventismo como fundamentalista na primeira metade do século XX. A segunda reflete uma posição mais alinhada à teologia da IASD, conforme revelam seus documentos oficiais.

É possível identificar muitas afinidades entre o adventismo e o conservadorismo protestante do início do século XX, como a crença no retorno de Cristo antes do milênio (premilenismo) (Sandeem, 1978, p. 193); a identificação

do anticristo e da Babilônia mística do Apocalipse com o catolicismo, o Papa e outras religiões consideradas falsas (Marsden, 2006, p. 27, 218); a autoidentificação como o “povo remanescente” fiel (Marsden, 2006, p. 54); a obediência aos Dez Mandamentos (apesar do domingo ser identificado como o *sábado cristão* no meio protestante) (Gozález, 1985, p. 150); a visão arminiana da decisão individual sobre a salvação (Marsden, 2006, p. 27); a vitória sobre o pecado e a ênfase numa vida santa (que incluía questões alimentares e uma visão negativa de algumas práticas como a dança, bebidas alcoólicas, o fumo e os jogos) (Marsden, 2006, p. 31). Por isso, no confronto com o liberalismo, os adventistas se alinhariam mais facilmente ao fundamentalismo.

O liberalismo modernista era uma crescente ameaça ao mundo evangélico. A teoria evolucionista foi uma ameaça adicional à crença tradicional. Em resposta à ofensiva liberal, foram organizadas Conferências Bíblicas nos EUA, onde os fundamentos da fé protestante seriam estudados e reafirmados.²⁴

Em 1878, quando os fundamentalistas aprovaram sua primeira declaração de pontos fundamentais, a IASD ainda estava em fase de desenvolvimento doutrinal e organizacional (Knight, 2005, p. 83-90). Dos quatorze pontos da primeira declaração fundamentalista, a IASD recém formada poderia concordar com cinco, ou talvez seis, visto que havia intenso debate interno em temas como a inspiração da Bíblia, a Trindade, a natureza do Espírito Santo, a identidade da verdadeira igreja e outros.

Por volta de 1910, quando surgiram os cinco pontos fundamentalistas, a IASD ainda estava ocupada com controvérsias teológicas internas (Knight, 2005, p. 91-130): o legalismo, a questão da natureza humana de Cristo, o fanatismo perfeccionista, o panteísmo de Kellogg (um importante líder pioneiro adventista) e o ataque interno do pastor Albion Fox Ballenger à doutrina adventista do santuário celestial. O adventismo estava tentando preservar sua própria ortodoxia (Schwarz, 1979, p. 288).

Mas, no início do século XX, os adventistas se aproximaram do fundamentalismo como uma união de esforços contra o inimigo liberal modernista. Não havia espaço para manter-se em campo neutro nessa controvérsia (Knight, 2005, p. 135). Apesar de não concordarem com todos os *pontos doutrinários*, os adventistas desenvolveram uma afinidade com a *causa* fundamentalista (Wilcox, 1925, p. 3-4). Isso é compreensível, visto que o

adventismo sempre defendeu a autoridade da Bíblia e denunciou a *alta crítica* da teologia liberal.²⁵ Os adventistas começaram a se identificar abertamente como fundamentalistas (Wilcox, 1929, p. 14), e alguns até achavam que os adventistas eram os únicos fundamentalistas verdadeiros (por causa da guarda do sábado) (Knight, 2005, p. 136).

A proximidade com o fundamentalismo afetou a compreensão de alguns adventistas do processo de inspiração das Escrituras em geral e também do papel dos escritos de Ellen White em particular. Os adventistas acreditavam que Ellen White, uma das pioneiras adventistas, era a *mensageira do Senhor*, em quem se manifestou o dom de profecia, e a quem foi “concedida instrução inspirada da parte de Deus, em favor de Seu povo dos últimos dias” (IASD, 2003, p. 301). As teorias de inspiração verbal e inerrância da Bíblia ganhariam fôlego, seriam expandidos aos escritos de Ellen White e afetariam o conceito *Sola Scriptura* no adventismo, elevando os textos de White ao mesmo nível da Bíblia.²⁶

Vários artigos e livros adventistas da época começaram a defender a inerrância e a infalibilidade dos textos bíblicos e dos escritos de Ellen White de uma maneira muito próxima do conceito de inerrância fundamentalista (Corliss, 1919, p. 13; Wilcox, 1919c, p. 2; Wilcox, 1950, p. 3). A aplicação desses conceitos aos escritos de Ellen White é explicada, em parte, porque nesse período, seu dom e a inspiração divina de seus escritos também estavam sob ataque, especialmente por parte de Canright (1919), um ex-pastor adventista.

Curiosamente, tais conceitos de inspiração verbal e inerrância estavam em franca oposição ao conceito da própria Ellen White, que escreveu: “não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que foram” (White, 2001, p. 21).

Em 1883, uma *Comissão de Resoluções* da IASD já havia afirmado oficialmente a inspiração do *pensamento*, e não a inspiração *verbal*, afirmando: “Nós acreditamos que a luz dada por Deus para seus servos é através da iluminação da mente, dando, assim, os pensamentos, e não (exceto em casos raros) as próprias palavras em que as ideias devem ser expressas” (Oyen, 1883, p. 741).

A discussão interna do tema atingiu o seu auge na IASD na Conferência Bíblica adventista de 1919. Em meio à controvérsia fundamentalista nos EUA, os adventistas se reuniram para discutir sua própria compreensão a respeito da

autoridade da Bíblia e dos escritos de Ellen White.

No discurso de abertura, o presidente Arthur G. Daniells compartilhou sua impressão positiva das conferências bíblicas fundamentalistas que estavam acontecendo no país à época, e até relatou sua visita pessoal à Primeira Igreja Batista em Minneapolis para ouvir William Bell Riley, um dos principais líderes fundamentalistas. Artigos adventistas traziam várias citações de autores fundamentalistas.²⁷

Daniells relatou que alguns adventistas até compareceram a uma dessas conferências bíblicas fundamentalistas realizadas na Filadélfia (Wilcox, 1919a, p. 11). A *Review and Herald*, periódico oficial da IASD, enviou observadores a algumas conferências bíblicas fundamentalistas e publicou reportagens a respeito delas. Em junho de 1919, por exemplo, a revista fez um relatório da conferência fundamentalista da Filadélfia, apresentou a declaração de crença fundamentalista em nove pontos e acrescentou: “Para a expressão formal geral deste pronunciamento, com exceção do último artigo [que fazia referência ao castigo eterno no inferno], podemos dar sincero parecer favorável” (Wilcox, 1919a, p. 5). Apesar de destacar poucos pontos de divergência entre o pensamento adventista e o fundamentalista, o artigo era essencialmente favorável ao movimento fundamentalista.

A defesa da autoridade da Bíblia e a escatologia fundamentalista pré-milenista atraíram o interesse dos adventistas, e eles estiveram presentes em pelo menos três conferências bíblicas fundamentalistas (Filadélfia [1918], Nova Iorque [1918] e Filadélfia [1919]). Na *Conferência Bíblica* adventista de 1919, W. W. Prescott lamentou que os adventistas tivessem ido a conferências bíblicas de outros “em vez de outros virem às nossas conferências bíblicas” (Wilcox, 1919b, p. 22).

Apesar dessa visão positiva do fundamentalismo entre a liderança adventista, houve uma corrente dentro da *Conferência Bíblica* adventista de 1919 que procurou esclarecer a identidade do adventismo em relação ao fundamentalismo. A questão principal ficou em torno da inspiração de Ellen White e a autoridade de seus escritos. Os adventistas defendiam a autoridade da Bíblia usando uma terminologia teológica parecida com a dos fundamentalistas, mas havia grande dificuldade de aplicar a mesma abordagem aos escritos de Ellen White. Por isso, o tema da inspiração se tornou central.

De uma forma geral, a Conferência Bíblica de 1919 ficou dividida em dois grupos: os que acreditavam na inspiração verbal e os que defendiam um modelo de inspiração de *pensamento*. Apesar de defenderem a autoridade das Escrituras e combaterem o liberalismo como os fundamentalistas, Daniells, Prescott e outros não sustentavam a inspiração verbal da Bíblia como o movimento fundamentalista. Para eles, o modelo de inspiração do *pensamento* estava mais de acordo com as evidências. Por outro lado, o conceito fundamentalista de inerrância e inspiração verbal da Bíblia influenciou muitos pensadores adventistas do século XX, e a discussão atravessou décadas (Timm, 1999, p. 486-542).

Apesar do adventismo ter afirmado claramente desde o início que a sua regra de fé e prática era *a Bíblia e a Bíblia somente*, muitos adventistas no início do século XX, por causa de um conceito de inspiração verbal e inerrância, passaram a usar os escritos de Ellen White como base para sua fé. Assim, a crise gerada pelo liberalismo provocou duas reações paralelas no adventismo: provocou um alinhamento com o fundamentalismo em defesa da Bíblia, mas também levou muitos adventistas a dependerem muito mais das obras de Ellen White. Por isso, mesmo os setores mais fundamentalistas do adventismo não podem ser contados como parte do movimento fundamentalista do século XX, pois desenvolveram uma forma particular de fundamentalismo dentro da IASD.

4. O fundamentalismo não considerava o adventismo como fundamentalista

É curioso perceber como o movimento fundamentalista praticamente ignorou o adventismo nos anos 1910. Por causa do Grande Desapontamento Millerita (o fracasso da previsão para a segunda vinda de Cristo em 1844, movimento que antecedeu a fundação da IASD), os fundamentalistas evitaram qualquer associação com o pré-milenismo historicista dos adventistas, preferindo o dispensacionalismo.

Houve poucas referências fundamentalistas ao adventismo, e boa parte delas foi negativa. Na conferência profética de Nova Iorque, em 1918, houve um alerta contra grupos heréticos que incluía as Testemunhas de Jeová, os adeptos da Ciência Cristã e os Adventistas do Sétimo Dia (Campbell, 2008, p. 16-17).

A partir dos anos 1920, alguns escritores e editores fundamentalistas

advertiram que os adventistas fossem considerados uma grande ameaça, por causa de sua capacidade de atrair cristãos evangélicos conservadores, e denunciaram os adventistas como mais uma seita com uma “falsa profetisa” (Laats, 2010, p. 36). Esses autores fundamentalistas achavam que os adventistas estavam tão perto da verdade fundamentalista que crentes fervorosos poderiam ser desviados por eles. O perigo, portanto, estava no fato de os adventistas *parecerem* fundamentalistas.

Para os fundamentalistas, a teologia adventista estava cheia de graves erros doutrinários e era “uma perversão da Escritura e blasfêmia contra Deus” (Laats, 2010, p. 36). Apesar do esforço para minimizar as diferenças internas de opinião, o aspecto interdenominacional do movimento fundamentalista criou momentos significativos de divergência doutrinária e acusações às igrejas em geral. Esse criticismo é a razão para muitas igrejas simpáticas à causa fundamentalista terem permanecido apenas como interessadas externas ao movimento, em vez de participantes ativas. Apesar de nutrir interesse pela luta fundamentalista, o adventismo estava às margens do movimento (Larson, 1997, p. 130). Aparentemente, os adventistas não eram suficientemente significativos para serem notados ou citados com mais frequência pelos fundamentalistas, e geralmente eram agrupados com outras denominações cristãs consideradas pouco ortodoxas.

Mas, com a defesa do criacionismo, o adventismo assumiu certa relevância na causa fundamentalista. O professor adventista George McCready Price foi uma das principais figuras na luta fundamentalista contra a ameaça evolucionista. Além de seu esforço pessoal, Price também ajudou o adventismo a se aproximar mais do fundamentalismo, redefinindo o movimento de forma positiva:

O fundamentalismo está ajudando a fazer uma obra que por muito tempo pensamos ser peculiarmente nossa. [...] O fundamentalismo está realmente ajudando a dar ao mundo aquela mensagem prevista em muitas profecias diferentes, que os dias antes da vinda de Cristo seriam caracterizados por um grande apelo ao mundo para adorar o Criador. (Price, 1927, p. 13-14)

Price escreveu vários artigos tentando demonstrar como a luta fundamentalista correspondia à responsabilidade adventista de exaltar o Criador e defender a autoridade da Bíblia (Price, 1927; 1928). No entanto, o criacionismo

se tornou praticamente o único tema que fazia os fundamentalistas pensarem positivamente nos adventistas e vê-los como aliados.

Outro fator que levou o adventismo a tentar se aproximar do fundamentalismo nos anos 1910 e 1920 foi o processo de afastamento adventista do pentecostalismo e de busca pela respeitabilidade no meio evangélico,²⁸ que culminou com a publicação do livro *Questions on Doctrine* (1957).²⁹ Na virada do século XIX para o século XX, o adventismo viu o pentecostalismo emergir no resto do mundo cristão e também em seu seio. O movimento adventista de santificação foi paralelo ao mesmo movimento no mundo cristão, e sua expressão máxima foi encontrada no movimento fanático da Carne Santa, um movimento pentecostal de extrema santificação (Burrill, 2004, p. 115-117).

O desejo de se divorciar dos que eram considerados fanáticos e extremistas no início do século XX levou a IASD a se aproximar das principais correntes protestantes e evangélicas litúrgicas tradicionais e também as fundamentalistas (Burrill, 2004, p. 117). O adventismo pioneiro, que diferia do puritanismo na sua expressão religiosa, foi gradualmente se alinhando ao que era considerado a forma “mais elevada” de protestantismo em busca de respeitabilidade (Sepulveda, 2007; 2001).

No entanto, essa tentativa de alinhamento ao protestantismo conservador que teve como auge a publicação do livro *Questions on Doctrine* em 1957, não resultou no reconhecimento da IASD como um grupo fundamentalista, mas sim como um grupo verdadeiramente cristão, não uma seita, por parte de influentes líderes evangélicos (Knight, 2008, p. 11-22). O motivo é que, apesar do adventismo ainda estar se aproximando do fundamentalismo na década de 1920, a partir dos anos 1930, o adventismo começou a se afastar do conceito de inerrância (e, conseqüentemente, do fundamentalismo). Além disso, a postura politicamente “neutra” e apartidária da IASD³⁰ a distanciou gradualmente do movimento fundamentalista à medida que ele se tornava cada vez mais engajado politicamente.

Em suma, apesar de compartilhar do *espírito* e dos principais objetivos do movimento fundamentalista, a IASD não foi considerada plenamente fundamentalista, pois não defendia alguns pontos importantes do fundamentalismo e era considerada uma igreja com problemas teológicos. Com o passar do tempo, o fundamentalismo deixou de ser apenas uma defesa

conservadora da Bíblia e se transformou em ativismo político (neofundamentalismo), chegando até mesmo a se tornar sinônimo de intolerância, fanatismo e violência. Isso afastou muitos grupos teologicamente conservadores que tinham se alinhado ao fundamentalismo na primeira metade do século XX (como os adventistas) (Nelson, 1965, p. 16-17).

Considerações finais

Usando o fundamentalismo histórico original e seu conteúdo doutrinário como parâmetro, é possível concluir que a IASD *não* é fundamentalista no sentido estrito, mas identificou-se com o fundamentalismo diante da ameaça liberal modernista. A IASD partilhava da *causa* fundamentalista original, que exaltava as Escrituras e combatia o liberalismo teológico. Oficialmente, em 1883 a IASD já defendia um conceito de inspiração de *pensamento*, e não a inspiração *verbal* e a consequente inerrância bíblica como os fundamentalistas. Tais crenças são consideradas cruciais para o fundamentalismo. Em poucas palavras, o adventismo é um movimento teologicamente conservador que se alinhou ao movimento fundamentalista, apesar das divergências.

O envolvimento da IASD com o movimento fundamentalista só pode ser compreendido à luz da polarização entre liberais e fundamentalistas no início do século XX. Há elementos nesse envolvimento que poderiam ser mantidos sem prejuízo para a missão e a identidade adventista, especialmente a defesa da Bíblia como a regra de fé e prática e a crença na literalidade e factualidade dos *fundamentos*, como a encarnação, a vida, a morte, a ressurreição e a segunda vinda de Jesus Cristo. Mas há outros elementos que foram avaliados e julgados à luz da visão adventista das Escrituras, especialmente essa paradoxal ameaça ao princípio *Sola Scriptura*.

A associação com o movimento fundamentalista teve consequências inesperadas no adventismo. A crença fundamentalista na inspiração verbal e inerrância da Bíblia teve uma influência tão forte, que mesmo os adventistas que não acreditavam em tais doutrinas usavam a mesma linguagem fundamentalista em publicações em defesa da Bíblia. E a *Conferência Bíblica* de 1919 revelou que muitos acreditavam tanto na inspiração verbal e na inerrância que passaram a aplicar tais conceitos aos escritos de Ellen White. O resultado foi o desenvolvimento dentro da IASD de uma espécie distinta de *fundamentalismo*

adventista, que elevaria os escritos de Ellen White ao mesmo nível da Bíblia (em termos práticos, às vezes, acima da Bíblia), e que repercute na teologia adventista até hoje.

Referências

- AMMERMAN, Nancy T. North american protestant fundamentalism. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott (Ed.). *Fundamentalism observed*. The Fundamentalism project. Vol. 1. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. p. 1-65.
- ANDREASEN, Niels-Erik. Morte: origem, natureza e erradicação. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). *Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 353-389.
- BERKHOF, Louis. *Princípios de interpretação bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, v. 21, n. 1, Rio de Janeiro, 2000, p. 9-24. Disponível em: <<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/dessecularizacaoLERR.pdf>>. Acesso em: 22/07/2016.
- BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BURRILL, Russell. *Waking the dead: returning plateaued and declining churches to vibrancy*. Washington: Review and Herald, 2004.
- CAMPBELL, Michael W. *The 1919 Bible Conference and its significance for Seventh-Day Adventist history and theology*. Tese (doutorado). Berrien Springs: Andrews University, 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/6010917/The_1919_Bible_Conference_and_Its_Significance_for_Seventh-day_Adventist_History_and_Theology>. Acesso em: 04/07/2016.
- CANALE, Fernando. Revelação e Inspiração. In: REID, George W. (Ed.). *Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2007. p. 47-74.
- CANRIGHT, Dudley M. *Life of Mrs. E. G. White, Seventh-day Adventist Prophet: Her False Claims Refuted*. Cincinnati: The Standard Publishing Company, 1919.
- CORLISS, John O. Early Experiences-No. 4: The Unifying Link. *Review and Herald*, 6 fev. 1919.
- DAVIS, Stephen T. *The Debate about the Bible: inerrancy versus infallibility*. Philadelphia: The Westminster Press, 1977.
- DOUGLASS, Herbert. *Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FIGUHR, Reuben R. Nossas instituições de ensino. *Revista Adventista*, Santo André, mar. 1946, p. 14.

- FREUND, Julien. Uma outra maneira de abordar as Ciências Sociais. *Análise Social*, v. 23, n. 95, Lisboa, 1º sem. 1987, p. 7-13. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223486639W4fLZ2dg8Ur82SQ6.pdf>>. Acesso em 11 set. 2015.
- GONZÁLEZ, Justo L. *The Story of Christianity*. Vol. 2. Peabody: Prince Press, 1985.
- GOULD, Stephen Jay. Darwinian Fundamentalism. *New York Review of Books*. 12 de junho, 1997. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/1997/06/12/darwinian-fundamentalism/>>. Acesso em 21/10/2015.
- GRAYBILL, Ronald D. The Rise of a New Adventist History, A Book Review. *Spectrum*, v. 7, n. 4, Roseville, 1976, p. 46-48.
- HARRINGTON, Clayton. A Force Overlooked: Mainline Churches' Influence on American Civil Rights Movements since the Mid-Twentieth Century. *Explorations*. v. 9, Wilmington, 2014, p. 1-13. Disponível em: <<http://uncw.edu/csurf/explorations/documents/volume%209%202014/harrington.pdf>>. Acesso em 23 jul. 2015.
- HARRIS, Harriet A. *Fundamentalism and Evangelicals*. New York: Oxford University Press, 1998.
- IASD. *Declarações da Igreja: aborto, assédio sexual, homossexualismo, clonagem, ecumenismo e outros temas atuais*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. *Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- KNIGHT, George R. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. Introdução histórica e teológica à edição anotada. In: KNIGHT, George R. (Ed.). *Questões sobre doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 11-32.
- LAATS, Adam. *Fundamentalism and Education in the Scopes Era: God, Darwin, and the Roots of America's Culture Wars*. New York: Palgrave & MacMillan, 2010.
- LARSON, Edward J. *Summer for the Gods: The Scopes Trial and America's Continuing Debate over Science and Religion*. New York: BasicBooks, 1997.
- LEHMANN, Richard P. A segunda vinda de Jesus. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). *Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 988-1023.
- LIMA, Jair Araújo de. Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as conceituações do fenômeno. *Cronos*, v. 12, n.1, Natal, jan./jun. 2011, p. 90-104.
- LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- LINDSELL, Harold. *The Battle for the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1978.
- LIVINGSTONE, David B. B. Warfield, the Theory of Evolution and Early Fundamentalism. In: *Evangelical Quarterly*, v. 58, n. 1, London, 1986, p. 69-83. Disponível em: <http://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/1986-1_069.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- MALHEIROS, Isaac. Adventismo em busca de identidade litúrgica: a “ameaça

pentecostal”. *Tear Online*, v. 4, n. 2, São Leopoldo, jul.-dez. 2015a, p. 106-116. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2626/2536>>. Acesso em: 13/11/2016.

_____. Teologia ou estereótipo: O que define o fundamentalismo cristão? *PLURA: Revista de Estudos de Religião*, v. 6, n. 2, 2015b, p. 256-277. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1114/pdf_141>. Acesso em: 16/06/2016.

MARSDEN, George M. *Fundamentalism and American Culture*. New York: Oxford University Press, 2006.

MEIRA JÚNIOR, Isaac M. O dilema *Sola Scriptura* no Adventismo. *Protestantismo em Revista*, v. 38, São Leopoldo, maio/ago. 2015, p. 103-118. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em: 02/06/2016.

MELTON, John G.; BAUMANN, Martin (Ed.). *Religions of the World: a comprehensive encyclopedia of beliefs and practices*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

MORRIS, Leon. *I Believe in Inspiration*. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.

NELSON, Wilbur K. Are Adventists Fundamentalists? *Ministry*, v. XXXVIII, n. 4, Washington, abr. 1965, p. 16-17. Disponível em: <<https://www.ministrymagazine.org/archive/1965/04/are-adventists-fundamentalists>>. Acesso em: 11/05/2016.

NOLL, Mark A. *A History of Christianity in the United States and Canada*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.

NUMBERS, Ronald. George Frederick Wright: From Christian Darwinist to Fundamentalist. *Isis*, v. 79, n. 4, The University of Chicago Press, dez. 1988, p. 640. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/234751>> Acesso em 12 ago. 2015.

NUNES, Jordão H. *As metáforas nas Ciências Sociais*. Goiânia: Editora UFG, 2005.

OLSON, Roger E. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

OYEN, Adolph B. General Conference Proceedings. *Review and Herald*, v. 60, n. 47, Battle Creek, 27 nov. 1883, p. 741-742.

PACE, Enzo; STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.

PACKER, James I. *‘Fundamentalism’ and the Word of God: some evangelical principles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.

PAGÁN, Samuel. *Adventism in the Shadow of Fundamentalism*. Paper apresentado no Seminary Scholarship Symposium. Berrien Springs: Andrews University, 2015. Disponível em: <<https://www.andrews.edu/sem/events/semscholarshipsymposium/download-papers/samuel.pdf>>. Acesso em: 2/07/2016.

PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso.

Horizonte, v. 8, n. 18, Belo Horizonte, jul.-set. 2010, p. 9-26. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2010v8n18p9/2427>>. Acesso em: 6/11/2016.

PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo. In: ALBUQUERQUE, Eduardo Basto (Org). *Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – “Migrações e Imigrações das Religiões”*. Assis: ABHR, 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>>. Acesso em 25/10/2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Estado laico, fundamentalismo e a busca da verdade. In: BATISTA, Carla; MAIA, Sonia (Org.). *Estado laico e liberdades democráticas*. Recife: Articulação de Mulheres Brasileiras/Rede Nacional Feminista de Saúde/SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2006. p. 5-7.

DUNN, James D. G. The Authority of Scripture According to Scripture. *Churchman*, v. 96, n. 2, Watford, 1982, p. 104-122. Disponível em: <http://churchsociety.org/docs/churchman/096/Cman_096_2_Dunn.pdf>. Acesso em 24 jul. 2015.

_____. The Inerrancy Debate among the Evangelical. *Theology News and Notes*. Pasadena: Fuller Theological Seminary, 1976.

PRESBYTERIAN CHURCH IN THE U.S.A. The Doctrinal Deliverance of 1910. *Minutes of the General Assembly*, 1910. p. 272-273. Disponível em: <<http://www.pcahistory.org/documents/deliverance.html>>. Acesso em: 22/08/2015.

PRICE, George McCready. An Ancient Description of Modernism. *The Ministry*, set. 1928.

_____. The Significance of Fundamentalism. *Review and Herald*, 12 mai 1927.

RAMM, Bernard. The Relation of Science, Factual Statements and the Doctrine of Biblical Inerrancy. *Journal of the American Scientific Affiliation*, v. 21, n. 4, 1969, p. 98-104. Disponível em: <<http://www.asa3.org/ASA/PSCF/1969/JASA12-69Ramm.html>>. Acesso em: 13/07/2016

REIS, Emilson dos. Entrevista. *Revista Adventista*, Tatuí, dez. 2013, p. 7.

RODOR, Amin. A Bíblia e a inerrância. *Kerygma: Revista Eletrônica do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia*, v. 1, n. 1, Engenheiro Coelho, 2005, p. 16-30. Disponível em: <www.unasp.edu.br/kerygma>. Acesso em: 12/01/2015.

SANDEEN, Ernest R. *The Roots of fundamentalism: British and American Millenarianism, 1800-1930*. Grand Rapids: Baker, 1978.

SCHWARZ, Richard W. *Light Bearers to the Remnant*. Mountain View: Pacific Press, 1979.

SCHWEITZER, Louis. O fundamentalismo protestante. In: ACAT (Org.). *Fundamentalismos integristas: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 31-42.

SEPULVEDA, Ciro. *Reinventing Adventist History: How Adventist Historians Transformed Adventist Heritage So That It Would Fit Neatly Into the National Mythology*. Electronic Journal of Adventist History. Hunstville, AL: Oakwood University, 2001. Disponível em <<http://www.oakwood.edu/historyportal/Ejah/Reinventing%20SDA%20history>>.

htm> .

Acesso em: 27/3/2014.

_____. *The Tent and the Cathedral: White-Collar Adventists and Their Search for Respectability*. Paper apresentado no Questions on Doctrine 50th Anniversary Conference. Berrien Springs, MI: Andrews University, 25 de Outubro de 2007. p. 1-9. Disponível em: <http://www.qod.andrews.edu/docs/05_ciro_sepulveda.pdf>. Acesso em: 27/3/2014.

SOROS, George. *A crise do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

TIMM, Albert R. A History of Seventh-day Adventist Views on Biblical and Prophetic Inspiration (1844–2000). *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 10, n. 1-2, Berrien Springs, 1999, p. 486-542.

TORREY, Reuben A. (ed.). *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005.

UNGER, Walter. *“Earnestly contending for the faith”*: the role of the Niagara Bible Conference in the emergence of American fundamentalism, 1875-1900. Tese (Doutorado). Simon Fraser University, 1981. Disponível em: <summit.sfu.ca/system/files/iritems1/4002/b12743276.pdf>. Acesso em 15/07/2015.

VAN BEMMELEN, Peter M. Revelação e inspiração. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). *Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 26-66.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

WEBSTER, Eric Claude. O milênio. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). *Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 1024-1045.

WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*. Vol. 1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

WILCOX, Francis. M. A Conference on Christian Fundamentals. *Review and Herald*, 19 jun. 1919 (1919a).

_____. Forsaking the Foundations of Faith. *Review and Herald*, 28 nov. 1929.

_____. The Atheistic Tendency of Modern Education. *Review and Herald*, 17 abr. 1919 (1919b).

_____. The Holy Scriptures, *Review and Herald*, 5 jan. 1950.

_____. (Ed.). Our Pagan Universities. *Review and Herald*, 20 mar. 1919 (1919c).

WILCOX, Milton C. et al (Ed.). *1919 Bible Conference Collection*. General Conference of SDA, 1919.

_____. Fundamentalism or Modernism - Which? *Review and Herald*, 22 jan. 1925.

WRIGHT, George Frederick. O transcurso da evolução. In: TORREY, R. A. (Ed.). *Os Fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas*

fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 611-624.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. In: *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 35, jul/dez. 2008. p. 14-27.

ZUCK, Roy. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade na Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

¹ Autores fundamentalistas rejeitam o rótulo de “literalistas”, afirmando que o fundamentalismo não nega elementos textuais simbólicos, poéticos, figuras de linguagem e outros recursos literários claramente presentes na Bíblia. O que ocorre é o reconhecimento da *realidade*, da factualidade de alguns relatos negados pelos liberais. A própria *Declaração de Chicago Sobre a Hermenêutica Bíblica* (1982) reafirma a importância de se levar em conta o contexto histórico-cultural, os gêneros e formas literárias bem como as figuras de estilo. A essência do fundamentalismo não é o literalismo, como afirma o senso comum. Os manuais de exegese histórico-gramatical, frequentemente chamada de “leitura fundamentalista da Bíblia” pelos críticos do fundamentalismo, têm como princípio a análise literária do texto bíblico, levando em conta o gênero e o estilo do texto, as expressões idiomáticas e figuras de linguagem. O literalismo que ignora o gênero, o contexto literário e a linguagem poética é repudiado por teólogos fundamentalistas e conservadores. Ver Packer (1977, p. 78-79, 104); Fee e Stuart (1997); Virkler (2001); Zuck (1994).

² Para uma análise das consequências da distorção semântica do “fundamentalismo” e uma tentativa de definição, ver Malheiros (2015b, p. 256-277). Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1114/pdf_141>. Acesso em: 16/06/2016.

³ O ativismo contra o aborto é visto como uma característica fundamentalista (Pace; Stefani, 2002, p. 36). Mas Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, que é chamado de fundamentalista, já declarou sua posição pró-aborto várias vezes publicamente. O seu *blog* pessoal arquiva vários textos sobre o tema: <<http://blogs.universal.org/bispomacedo/?s=aborto>>. Acesso em 13 ago. 2015. Por outro lado, existem associações que reúnem ateístas, agnósticos, humanistas e outros secularistas e laicistas na luta contra o aborto. Disponível em: <<http://www.secularprolife.org/>>. Acesso em 25 jul. 2015. Sobre isso, ver matéria de nov. de 2008 da revista *Newsweek*, *Beliefwatch: Pro-life Atheists*, disponível em: <<http://www.newsweek.com/beliefwatch-pro-life-atheists-85273>>. Acesso em 23 jul. 2015.

⁴ A crença na inerrância bíblica é, para alguns autores, o critério objetivo mais importante para distinguir o fundamentalismo (Pace; Stefani, 2002, p. 28, 30). No entanto, a inerrância não é uma crença comum a todos os cristãos conservadores que são frequentemente chamados de fundamentalistas. Rodor (2005, p. 28, nota 32) lista como exemplos de teólogos conservadores que não crêm na inerrância: Herman Ridderbos, Robert H. Mounce, Robert K. Johnston e Dewey M. Beegle. Stephen T. Davis (1977, p. 61) diz que “a Bíblia não ensina a inerrância, nem a inerrância parece estar pressuposta”. Leon Morris (1976, p. 137) afirma que “a Bíblia não parece jamais reivindicar inerrância para si mesma, pelo menos em termos estabelecidos”. Clarck Pinnock (*apud* Dunn, 1982, p. 121) aponta que a inerrância poderia ser “um item central para o guia telefônico mas não para Salmos, Provérbios, literatura apocalíptica e parábola”. E acrescenta que “os evangélicos não rejeitaram um papado para aceitar outro [a inerrância]” (Pinnock, 1976, p. 13). Bernard Ramm (1969, p. 103) sugere que “menos do que 1% do corpo de crentes evangélicos renunciaria sua fé” se algum erro fosse mostrado na Bíblia.

⁵ Os fundamentalistas defendem desde o início um modelo de inspiração verbal (Packer, 1977, p. 78-79). No entanto, há muitos grupos cristãos conservadores, geralmente considerados fundamentalistas, que defendem um modelo de inspiração de pensamento no qual o escritor bíblico recebe as ideias divinas e as coloca em suas próprias palavras humanas. Além disso, é possível defender a inspiração verbal (não na forma de um ditado mecânico divino) e a *infallibilidade* sem apelar para a *inerrância* (Berkhof, 2004, p. 38-42). Ou seja, esses temas não são estanques e tão bem delimitados.

⁶ Como demonstrou Livingstone (1986, p. 69-83), o movimento fundamentalista original tinha uma atitude mais aberta à teoria da evolução do que seus atuais propagandistas. George Frederick Wright, autor de vários artigos de *The Fundamentals* não era um criacionista estrito, mas adepto de um tipo de evolucionismo teísta. Sua posição de crítico do darwinismo não representa necessariamente uma defesa do criacionismo (Wright, 2005, p. 611-624). Além de Wright, James Orr e Warfield também são identificados como fundamentalistas históricos que, apesar de críticos

do darwinismo, mantinham uma postura mais aberta com relação às teorias e princípios evolutivos (Livingstone, 1986, p. 73-76.) Os primeiros fundamentalistas não fizeram uma defesa tão contundente da criação em seis dias literais ocorrida há seis mil anos, apesar de serem críticos do darwinismo (Numbers, 1988, p. 640).

⁷ Certamente grupos fundamentalistas islâmicos e cristãos do “cinturão da Bíblia” nos EUA não mantêm a mesma opinião sobre armas e combatência que fundamentalistas cristãos de comunidades pacifistas radicais, como os Amishes e Menonitas. No Brasil, a revogação do *Estatuto do Desarmamento* é apoiada pelo *Partido Social Cristão* (Disponível em: <<http://www.psc.org.br/site/comunicacao-psc/entrevistas/1406-%E2%80%9Cvivemos-uma-guerra-desigual-e-os-bandidos-est%C3%A3o-ganhando%E2%80%9D,-alertou-eduardo-bolsonaro.html>>. Acesso em: 10/11/2016).

⁸ Essas diferentes visões têm origem já na Reforma Protestante. A ala conhecida como Reforma Radical (anabatistas, menonitas) defendeu a total separação entre Igreja e Estado, enquanto a assim chamada Reforma Magisterial (luteranos e calvinistas) contou com o apoio das autoridades institucionais para sua realização, e ainda mantém o *status* de religião oficial do Estado em alguns países (Lindberg, 2001, p. 26-27).

⁹ Para Packer (1977, p. 19, 24), o fundamentalismo nada mais é que um novo nome para o evangelicalismo histórico. Citando o *Concise Oxford Dictionary*, Packer (1977, p. 29) define o fundamentalismo como “manutenção, em oposição ao modernismo, de crenças ortodoxas tradicionais como a inerrância da Escritura e aceitação literal dos credos como fundamentos do cristianismo protestante”.

¹⁰ Esse equívoco vem sendo replicado em estudos até hoje. Por exemplo, Pace; Stefani (2002, p. 28, 30, 182).

¹¹ Apesar do nome, as Conferências Bíblicas de Niágara foram realizadas anteriormente em outras cidades de 1876 a 1883. Antes de se fixar em Niagara-on-the-Lake, o evento anual era chamado de “Believers’ Meeting for Bible Study”.

¹² Presbyterian Church in the U.S.A. The Doctrinal Deliverance of 1910. *Minutes of the General Assembly*, 1910. p. 272-273. Disponível em: <<http://www.pcahistory.org/documents/deliverance.html>>. Acesso em: 22/08/2015.

¹³ Por exemplo, a declaração da *World’s Christian Fundamentals Association*, fundada em 1919, tinha nove pontos fundamentais.

¹⁴ “Apoia-se [o fundamentalismo] sobre uma leitura não-crítica de certos textos da Bíblia para confirmar ideias política e atitudes sociais marcadas por preconceitos, racistas por exemplo [...]” (Pace; Stefani, 2002, p. 184).

¹⁵ Nesses temas, há diversidade entre as igrejas geralmente consideradas fundamentalistas. Isso já foi destacado no artigo, mas, por exemplo, há entre os fundamentalistas grupos que defendem a pena de morte (especialmente os de tradição calvinista) e os que são contra (os de tradição anabatista). Certamente, o racismo e a defesa da segregação encontraram espaço entre os fundamentalistas, especialmente no sul dos EUA. No entanto, entre as décadas de 1940 e 1960, houve manifestações públicas a favor da igualdade racial, através de declarações formais, feitas pela *Igreja de Deus* e pela *Convenção Batista do Sul* (Harrington, 2014, p. 4-6). E muitas igrejas evangélicas negras norte-americanas, especialmente as batistas e as pentecostais, que também professam crer nos pontos fundamentais, especialmente na inerrância e na segunda vinda de Cristo, marcharam ao lado de Martin Luther King Jr. a favor dos direitos civis dos negros.

¹⁶ Basicamente, o aborto seria aceitável em casos de estupro ou incesto, má formação congênita e risco de vida à mãe. Essa é uma posição ligeiramente progressista em comparação com a posição fundamentalista nesse tema.

¹⁷ Pesquisa disponível em: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/11/03/a-closer-look-at-seventh-day-adventists-in-america/>>. Acesso em: 10/11/2016.

¹⁸ Pesquisa disponível em: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/07/27/the-most-and-least-racially-diverse-u-s-religious-groups/>>. Acesso em: 10/11/2016.

¹⁹ Ammerman (1991, p. 4-8) diz que as principais características do fundamentalismo norte-americano são: 1) evangelismo, 2) inerrância, 3) premilenismo, 4) separatismo. Schweitzer (2001, p. 34) destaca nove pontos: 1) a inspiração e a inerrância da Bíblia; 2) a Trindade; 3) o nascimento virginal e a divindade de Cristo; 4) a queda do homem e o pecado original; 5) a morte expiatória de

Cristo para a salvação dos homens; 6) a ressurreição corporal e a ascensão; 7) o retorno pré-milenar de Cristo; 8) a salvação pela fé e o novo nascimento e 9) o juízo final.

²⁰ Havia alguns fundamentalistas originais com uma posição mais moderada a respeito da inerrância. Curtis Lee Laws, que cunhou o termo *fundamentalista* em 1920, não defendia a inerrância absoluta (Unger, 1981, p. 43).

²¹ Disponível em: <http://www.etsjets.org/about/membership_requirements> Acesso em: 16/09/2015.

²² A Declaração pode ser encontrada em: <http://www.etsjets.org/files/documents/Chicago_Statement.pdf>. Acesso em: 22/01/2015.

²³ Ellen White foi uma escritora norte americana que viveu a maior parte de sua vida durante o século XIX (1827-1915). Foi cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), seus escritos são considerados pela IASD divinamente inspirados. Para mais informações sobre a vida e obra de Ellen White, ver Douglass (2001).

²⁴ Para uma exposição e avaliação da controvérsia entre o fundamentalismo e o liberalismo no início do século XX, ver Marsden (2006).

²⁵ Para um estudo mais detalhado sobre a relação entre o adventismo e o fundamentalismo contra o liberalismo teológico, ver Pagán (2015).

²⁶ Para uma avaliação do conceito *Sola Scriptura* no adventismo, ver Meira Júnior (2015).

²⁷ Uma citação é curiosa: Wilcox (1919b, p. 26) citou na *Review* um texto de Rilley que incluía a crença na imortalidade da alma, o que os adventistas consideram um erro doutrinário.

²⁸ Sobre esse processo, ver Malheiros (2015a).

²⁹ Para uma análise desse processo que culminou com a publicação do *Questions on Doctrine*, ver Knight (2008, p. 11-31). Apesar de Knight reconhecer que *Questions on Doctrine* não representou “uma capitulação aos evangélicos para ganhar seu reconhecimento” (p. 24), ele deixa claro o desejo dos editores de “agradar” e “chegar à unidade com os evangélicos onde quer que isso fosse possível, sem comprometer as crenças distintivas da denominação” (p. 25). Ver também Knight (2005, p. 170-184); Graybill (1976).

³⁰ A IASD, embora não seja neutra em questões morais, tenta manter uma histórica posição de não envolvimento em disputas político-partidárias, conforme declaração oficial disponível em: <<http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/os-adventistas-e-politica/>>. Acesso em 13/10/2016.

Recebido em 22/08/2016, revisado em 26/10/2016, aceito para publicação em 15/12/2016.